

**CAPÍTULO TREZE**  
**RELATOS DE UM NARRADOR HERDEIRO:**  
**ECOS DE UMA FORMAÇÃO NACIONAL CONTRADITÓRIA**

---

ISABELA CHAVES SILVA  
Mestre em Teoria Literária e Literaturas  
Universidade de Brasília (UnB)  
E-mail: belinha\_ch@hotmail.com  
DOI 10.56372/desleiturav12i12.193

**Resumo:** Este ensaio visa a fazer uma leitura do romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque, publicado em 2009, tomando como princípio norteador da análise a categoria do narrador herdeiro. A obra é narrada em primeira pessoa por Eulálio Montenegro d'Assumpção, um filho decadente da elite que está em um leito de hospital e conta de forma fragmentada as memórias dos seus cem anos de vida e as de seus ascendentes e descendentes. Através do relato, contado pela perspectiva de alguém que, um dia, esteve em posição de privilégio, torna-se possível para o leitor reconstituir a trajetória de ascensão e declínio dos Assumpção e, paralelamente, a história da formação nacional, fundada nas experiências do colonialismo, escravagismo e modernização conservadora.

**Palavras-chave:** Literatura. Narrador herdeiro. Classe dominante. Formação nacional. Colonialismo. Autoritarismo.

**Abstract:** This essay aims to read Chico Buarque's novel *Leite Derramado* ("Spilt Milk"), published in 2009, using the category of the narrator heir as a guiding principle. The work is narrated in the first person by Eulálio Montenegro d'Assumpção, a decadent son of the elite who lies in a hospital bed and recounts, in fragments, the memories of his hundred years of life and those of his ancestors and descendants. Through this account, told from the perspective of someone who once held a position of privilege, the reader is able to reconstruct the rise and decline of the Assumpção family and, simultaneously, the history of national formation, founded on the experiences of colonialism, slavery, and conservative modernization.

**Keywords:** Literature. Narrator Heir. Ruling Class. National Formation. Colonialism. Authoritarianism.

## INTRODUÇÃO

Hoje é dia de visita  
Vem aí meu grande amor  
Hoje não deram almoço, né  
Acho que o moço até nem me lavou  
Acho que fui deputado  
Acho que tudo acabou  
Quase que já não me lembro de nada  
Vida veio e me levou.  
[ Chico Buarque ]

O substantivo “eulalia” diz respeito à dicção boa e fácil, à boa maneira de falar, em oposição à “dislalia”, e, por conseguinte, o prenome “Eulálio” indica aquele que é “bem falante” ou “fala bem”, igual ao narrador-protagonista de *Leite Derramado*.

Nesta grande obra, Eulálio Montenegro d’Assumpção, um centenário que se encontra em um leitor hospitalar, à espera da morte, conta suas memórias, buscando remontar não apenas sua história pessoal de vida, mas também a genealogia de sua família.

As lembranças apresentadas por Eulálio não são contadas linearmente, de forma cronológica, mas sim de modo fragmentado, em meio a uma confusão espaço-temporal. Ao acompanhar as idas e vindas do narrador entre passado e presente, o leitor vai conseguindo formar um retrato da sua trajetória familiar, que vem desde o século XV até o século XX. Neste percurso, em que Eulálio compartilha as façanhas dos Assumpção, constatam-se um movimento de ascensão – em que os ascendentes de Eulálio galgam degraus na escala social e se tornam parte da classe dominante, seu auge, e o momento de declínio, cujo início se dá com o narrador-protagonista, após o desaparecimento de sua esposa, Matilde.

As gerações passadas da família de Eulálio estiveram ligadas a posições de prestígio e de mando, que serão herdadas por ele, juntamente com a fortuna deixada pelo pai e que foi construída ao longo de séculos. Em razão disto, podemos chamá-lo de narrador herdeiro e, embora perca o poder e os bens recebidos com o tempo, ele não abre mão da concepção de mundo de sua classe,

que é marcada pelo autoritarismo e perversidade. Portanto, todo o relato do livro é feito a partir da perspectiva de alguém que, um dia, esteve em posição de privilégio e que, apesar de representar a fase de decadência da sua linhagem, continua a encarnar bem os piores vícios e preconceitos de sua categoria social.

A estratégia de colocar como narrador alguém que pertence a uma classe social elevada e que está entre o delírio e a lucidez – dados os seus cem anos – permite a revelação dos costumes, visão de mundo e forma de se relacionar da elite brasileira com os seus e aqueles que estão mais abaixo na hierarquia social.

A fatura estética da obra, portanto, em que o narrador em primeira pessoa é um herdeiro, se encontra entre o devaneio e a razão e insiste em narrar os eventos de sua vida e os de seus ancestrais e descendentes, torna possível a leitura de que a história familiar exposta é também a história da formação do Brasil. Os fragmentos de recordações que expõem a saga dos Assumpção, ligada às experiências do colonialismo, escravagismo, tráfico de influências e modernização conservadora no Brasil, são reveladores, simultaneamente, do pano de fundo histórico, que é a construção de um país marcado pela antagonismo de classe e raça.

Por conseguinte, veremos neste texto como o narrador herdeiro de *Leite Derramado* alcança dar a conhecer não apenas sua genealogia familiar, mas sobretudo ilumina uma interpretação do processo de constituição da nação.

## A GENEALOGIA DE UMA ELITE E O CHICOTE COMO SUA RELÍQUIA

Eulálio Montenegro d'Assumpção fala sem parar em sua cama hospitalar, narrando seus feitos e os de sua família às enfermeiras, aos médicos, à filha, à mãe, aos maqueiros, aos outros pacientes que se encontram no mesmo quarto, aos antigos empregados. Ele oscila entre o desvario e a lucidez, acreditando por vezes estar realmente conversando com sua mãe ou os empregados do casarão de Botafogo, que já não existem. Entre a fantasia e

a realidade, o narrador também crê que a enfermeira transcreve seus relatos, conforme pedido seu, retornando então a si e se dando conta de que ninguém toma nota de suas palavras ou mesmo presta atenção ao que diz. Em outros momentos, confunde a enfermeira com a filha, os outros pacientes com seus antigos criados, embaralha o neto, bisneto e trineto – todos Eulálios também. A confusão mental também faz com que ele repita as histórias regularmente, porém, adicionando dados novos cada vez que conta algo já conhecido do leitor.

Em sua exposição, ele aborda sua ascendência paterna; o pai; a mãe; seu relacionamento com Matilde, cujo desaparecimento desencadeia uma série de crises – amorosa, financeira e emocional; Balbino e sua família – que representam seu elo mais direto com a escravidão; sua filha, Maria Eulália; os companheiros desta; o neto, bisneto e trineto.

Por estar entre o devaneio e a razão, Eulálio conta, reconta, troca as pessoas e os episódios já vividos, vai ao passado, retoma o presente, apresentando um relato fragmentado e circular, que exige a atenção daquele que o lê de modo a ir concatenando as peças e, assim, conseguir montar essa fotografia mais ampla que é a representação da história de Eulálio e sua linhagem.

A fim de recapitular a sua genealogia pelo lado paterno, Eulálio remonta ao século XV, quando “em mil quatrocentos e lá vai fumaça, há registro de um doutor Eulálio Ximenez d’Assumpção, alquimista e médico particular de dom Manuel I” (Holanda, 2009, p.184). Quanto ao pentavô, dom Eulálio, fora um “próspero comerciante da cidade do Porto” (ibidem, p.103), e o tetravô, o célebre general Assumpção, lutara contra a França de Robespierre. Seu trisavô chegara ao Brasil com a corte portuguesa e era confidante da rainha, dona Maria Louca. Seu bisavô, “feito barão por dom Pedro I, pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão de obra de Moçambique” (ibidem, p.78-79). Seu avô, “um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África (...). Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no

exílio” (ibidem, p.15). Já seu pai fora “um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes [...]. Tinha negócios com armeiros da França, [...] e na virada do século, fez sociedade com empresários ingleses” (ibidem, p. 52).

Como se vê pela descrição feita pelo narrador, seus ancestrais paternos, que também se chamavam Eulálio, ocuparam posições de prestígio social, construíram fortuna e fizeram parte da classe dominante.

A partir do pentavô, um elemento em comum entre os patriarcas é o uso da violência para reprimir, oprimir e mostrar domínio. O chicote do pai, uma relíquia familiar, transmitida através das gerações e da qual Eulálio se orgulha, é um objeto de grande importância no romance, pois simboliza a postura violenta e autoritária dos seus antepassados.

O chicote é apresentado ao leitor no capítulo 16, quando Eulálio, no leito hospitalar, em um instante de delírio, diz que tem fome e exige sua goiabada, explicitando que “virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo” (ibidem, p.101). Logo após, acreditando estar falando com os antigos empregados do casarão de Botafogo, ameaça-os afirmando que a mãe vai descobrir, ao retornar da missa, que a comida servida a ele cheirava a alho: “Deixem minha mãe me cheirar, tão logo volte da missa, e ela vai descobrir que me serviram a comida dos empregados. Porque quando a babá sai de folga é sempre o tal negócio, ninguém tem paciência comigo” (ibidem).

Ao descrever sua infância, Eulálio evidencia, em diversas passagens, que era mimado e, muitas vezes, perverso. Pequeno e já se reconhecendo herdeiro de todo o poder e dinheiro conquistados por sua família, exercia com excelência o controle sobre os criados e a mãe. Chutava as empregadas, virava o prato de comida, urinava sobre as roupas recém-lavadas, comia de boca aberta só para irritar a mãe.

Na continuidade do episódio em que exige a goiabada, assim prossegue:

Mas estou com fome e sou capaz de ficar batendo com a cabeça na parede até me servirem a sobremesa. E quando meu pai perguntar que galo é esse na minha testa, vou lhe contar que nesta casa me dão porrada quase todo dia. Vou contar em francês, para ficar todo mundo com cara de imbecil e ninguém me contestar (ibidem, p. 101-102).

Em seguida, revela que o pai possuía um chicote guardado na biblioteca, que era uma relíquia familiar herdada do avô. Ameaçando mais uma vez os empregados, em um momento de alucinação, diz que o pai, ao chegar da Europa, sabendo do que foi feito ao filho, vai “distribuir chibatadas às cegas por aí. Vai açoitá-los todos, não importa se homem ou mulher, vai soltar o azorrague em vocês como meu avô no velho Balbino” (ibidem, p.102). Então, o narrador inicia a descrição de como o chicote foi passando de geração em geração e como era utilizado pelos seus antepassados:

O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício. Se quisesse lanhar, imitaria seu pai, que quando pegava negro fujão açoitava com grande estilo. O golpe mal estava, era um assobio no ar o que se ouvia, meu bisavô Eulálio apenas riscava a carne de malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava para sempre. Pegara a manha com seu pai, que veio de além-mar com a frota da corte portuguesa, e quando não estava prestando ouvidos à rainha louca, subia no convés para dar lições a marujo indolente. Mas isso talvez meu trisavô Eulálio tenha inventado para fazer jus ao chicote que seu pai, o célebre general Assumpção, brandiu em campanha contra a França de Robespierre. Para encurtar o conto, esse meu tetravô general era filho de dom Eulálio, próspero comerciante da cidade do Porto, que comprou o chicote em Florença com o intuito de fustigar jesuítas (ibidem, p. 102-103).

Ao final, volta atrás e diz que, na verdade, seu pai não usaria o chicote histórico com os empregados, mas apenas os demitiria, assegurando que essa punição seria o “pior flagelo”, pois jamais encontrariam um emprego tão bom como o que tinham, onde o salário era pago em dia, podiam usufruir de uma casa dos fundos,

encontravam comida e tiravam uma folga quinzenal e gratificação natalina. Além disso, a mãe relevava os pequenos furtos e lhes dava roupas em boas condições, fazendo questão de que fossem bem vestidos à missa. Inclusive, a cozinheira, “que era dada à macumba, fez exorcizar na igreja da Candelária” (ibidem, p. 103).

Pensando nessa cadeia de exploração e violência contra os de baixo que se mostra histórica e perpetuada pela elite através dos tempos, Sérgio Motta salienta que

os elos dessa corrente imaginativa, tecida a partir de um irônico fio histórico, tem início na parte mais alta da fidalguia (dom Eulálio), cujo objeto de açoitamento são os jesuítas. Esse elo liga-se ao general, que se associa aos castelhanos para combater Robespierre; do general do além-mar, passa-se ao navegante da frota portuguesa, que castigava os marujos. Chegando ao Brasil, chega-se à colônia com o sistema escravista, em que vemos o bisavô castigando “negro fujão”, e o seu chicote ligando ao avô do menino, que, por sua vez, castigava o velho Balbino. Do velho Balbino, último elo dessa cadeia, chega-se ao pai de Eulálio, já empregador capitalista, concluindo a ponta do chicote com o desprezo de quem já não pode mais ter a posse do trabalhador, só a do seu trabalho (Motta, 2009, p. 59).

Por isso, Eulálio enxerga a perda do emprego como o pior castigo a ser dado aos empregados: “Essa ‘reliquia’ histórica, o chicote, como objeto simbólico da dominação da elite, quando desembarca no Brasil atinge o escravo e, depois, o trabalhador explorado e seus descendentes” (ibidem, p. 60).

Adriana Dusilek (2013, p.12) enfatiza que “essa estratégia de fazer o narrador se confundir, nesse momento, faz destacar a visão ideológica desse representante da elite brasileira sobre os empregados, e a relação que Eulálio tinha com eles desde a infância.” Dusilek ressalta ainda que Eulálio considerava “favores” pagar o salário pontualmente e dar uma folga quinzenal.

Roberto Schwarz (2000), refletindo a respeito do instituto do “favor”, um dos nexos da vida ideológica brasileira, discorre sobre as ideias liberais francesas, inglesas e americanas que inspiraram a Independência nacional, em 1822, tais como “a autono-

mia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho etc. (ibidem, p.17)”. O favor, por sua vez, põe em prática o contrário, que é a “dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais” (ibidem).

Nesse sentido, o narrador cai em contradição ao considerar que “alguma condição digna de trabalho” para os empregados domésticos fosse uma gentileza, uma vez que tinha orgulho de bradar que seu pai, Eulálio Ribas d’Assumpção, tinha sido um “republicano de primeira hora”. Espera-se de um verdadeiro republicano que ele demonstre compromisso com os princípios e valores da República, nomeadamente, a liberdade, a igualdade perante a lei, justiça, soberania popular, a transparência nos atos do governo.

Contudo, ao mesmo tempo em que os ideais liberais importados da Europa e a relação opressora estabelecida pela classe dominante nacional com os que ocupam a base da pirâmide constituem concepções divergentes, elas convivem na sociedade brasileira, consistindo em um dos percalços da formação do país. Nesse contexto, Eulálio revela, através de suas falas delirantes e enquanto representante da elite, como a ideologia burguesa liberal ainda é um engodo no Brasil.

Eulálio Ribas d’Assumpção, cuja “fortuna de família era antiga”, teve pai latifundiário e se tornou senador na República Velha, período de ascensão e consolidação das oligarquias que controlavam a política nacional. Dada a sua influência e sagacidade – um “espírito prático” aos olhos do filho, ele conseguia “abrir portas” facilmente e, assim, obteve a concessão do porto de Manaus de Campos Sales, iniciando negócios com os ingleses, cuja empresa Manaus Harbour projetou e gerenciou o porto no auge do ciclo da borracha. Outrossim, era representante da Le Creusot & Cie, empresa francesa que vendia armas para o Brasil.

O narrador, após a morte do pai, herda seu emprego na empresa francesa e, em dado momento, gabando-se de como, para ele, “a porta certa se abriria sozinha”, desvela que seu pai oferecia propina e vendia as armas da companhia europeia para o governo

brasileiro pelo triplo do preço negociado: “E de olhos fechados, eu molharia pelo caminho as mãos que meu pai molhava. E pelo triplo do preço tratado, me comprariam os canhões, os obuses, os fuzis, as granadas e toda a munição que a Companhia tivesse para vender” (Holanda, 2009, p. 44).

Desse modo, torna-se evidente que o pai obtinha vantagens e favores de forma ilícita, o que comprova novamente o desajuste do ideário burguês europeu em solo nacional, em que o conceito fundamental de “Estado de Direito” – lei como base para toda a atuação estatal, por exemplo, encontra dificuldades para se impor como o eixo central das relações sociais. Ao contrário, o que sobressaltam são práticas como a confusão entre público e privado, a troca de favores, o nepotismo, que eram usuais na República Velha e seguem como legado que continua a ser reproduzido ainda hoje no cotidiano.

Em vista disso, retomando o referido percurso do chicote no romance, percebe-se que ele simboliza não apenas a genealogia da família de Eulálio, mas também a da elite brasileira: de origem colonial, oligárquica e escravocrata, ela ascende à política, trazendo à cena o tráfico de influências para a manutenção dos seus privilégios e, conseqüentemente, da desigualdade social e exploração das camadas mais baixas.

## O OLHAR REBAIXADO SOBRE O OUTRO DE COR E DE CLASSE

O chicote, se por um lado representou a capacidade de domínio e poder da linhagem paterna de Eulálio, isto é, sua ascensão social, por outro, uma vez herdado pelo narrador, aos poucos será destituído de seu significado e se tornará inútil, considerando-se o movimento de declínio que se inicia posteriormente à morte do pai.

Adúltero e assassinado em um crime passionai, o senador deixa seus bens, dinheiro, influência e uma “possível carreira na política” para o filho. Este, contudo, é incapaz de manter o legado herdado e, com ele, começa a derrocada dos Assumpção.

Eulálio conhece Matilde, moça “de pele quase castanha”, na missa de sétimo dia de seu pai, apaixona-se e casa-se em pouco tempo. Matilde se destacava na igreja por seus modos alegres e saltitantes. Ela é filha de Doutor Vidal, um deputado, e, das sete irmãs, a “mais escurinha”. Logo, engravida e eles têm Maria Eulália. Porém, o casamento não dura muito tempo, pois Matilde desaparece, deixando-o desolado.

Ela não retorna e Eulálio passa a enfrentar uma crise amorosa e também financeira. Ele e sua mãe perdem investimentos com a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, o rapaz perde seu emprego na empresa de armas francesa e não consegue impulsionar uma carreira política. Mais tarde, já com Maria Eulália crescida, casada e, logo em seguida, abandonada pelo marido, aos poucos, seus imóveis e bens vão sendo surrupiados, inicialmente pelos companheiros da filha e por ela mesma, depois, pelo trineto, que é traficante de drogas. Dessa forma, a trajetória de vida de Eulálio, após a partida da esposa, é de decadência, ficando para trás todo o prestígio dos Assumpção.

O sumiço de Matilde permanece uma incógnita ao longo de todo o romance, pois ela some sem dar qualquer satisfação. Muitas versões são criadas em torno do seu desaparecimento, mas algumas são desmentidas pelo próprio narrador.

A relação entre Eulálio e Matilde era baseada no ciúme, posse e controle por parte dele. Em um episódio, ele relata que, estando pronta para acompanhá-lo ao cais do porto para receber o engenheiro francês, com “um vestido de cetim cor de laranja e um turbante de feltro mais alaranjado ainda” (ibidem, p.11), “sapatos de salto, muito corada ou com ruge demais” (ibidem, p.12), quando a viu tão animada e feliz, disse que ela não iria, sem se justificar: “Nem parei para pensar de onde vinha a minha raiva repentina, só senti que era alaranjada a raiva cega que tive da alegria dela” (ibidem).

Em outro momento, quando saem para dançar, o narrador revela ter achado, pela primeira vez, vulgar a mulher com quem casara por ela ter dançado maxixe por um longo tempo com o en-

genheiro. Nesta noite, Matilde escolheu vestir seu vestido de alças na cor laranja ao invés do vestido cinzento de gola alta que a sogra tinha lhe dado.

Segundo Motta (2009, p.51), “essa cor é metafórica e indicativa do ciúme que tombou a vida do personagem e corrói a alma do narrador. O ciúme é o detonador da crise mais profunda e a sua cor é derivada do amarelo”. A possessividade e controle sobre Matilde é o que a afastarão de Eulálio pouco tempo depois, fazendo-a se isolar no quarto e evitar o marido e a filha inicialmente e levando à sua desapareição depois.

Além das cores alegres e chamativas que Matilde usava, ela gostava de assobiar: assobiava para chamar o garçom, no carro e, até mesmo, nos jantares da sogra. Esse hábito enfurecia Eulálio assim como sua mania de ir para a cozinha para conversar com as empregadas e para almoçar. Em uma cena, o narrador diz que a seguia, enquanto ela falava sozinha e “meio cantarolando perguntava pelo chá de boldo”. Então, ele, enfurecido, agarrou-a com violência pelas costas, jogou-a contra a parede e ela começou a emitir “gemidos nasais”, com o rosto “achatado nos ladrilhos”:

Prendi seus punhos na parede, ela se debatia, mas eu a controlava com meus joelhos atrás dos seus. E com meu tronco eu a apertava, eu a espremia a valer, eu quase a esmagava na parede, até que Matilde disse, eu vou, Eulálio, e seu corpo tremeu inteiro, levando o meu a tremer junto (Holanda, p. 67).

Matilde não havia terminado o ginásio, não falava bem francês, não possuía conhecimentos de ciências, geografia, história e literatura. Gostava de cultura popular, dançava maxixe e samba, não tinha medo de impor suas vontades – vestia as cores e vestidos que gostava, saltitava quando andava na praia, esbanjando alegria, e era sensual. Matilde despertava em Eulálio sentimentos de vergonha e raiva por ela ser dessa maneira, mas ao mesmo tempo exercia fortíssima atração sobre ele.

Em outro cenário, Eulálio chega ao chalé e encontra Matilde dançando samba com Balbino:

A porta de casa estava escancarada, e na sala deparei com Matilde de maiô, dançando com o preto Balbino. Sim, o preto Balbino, eu não acreditei, mas era ele. Não reagiram ao me ver, os dois continuaram a dançar e a me olhar e a me sorrir como se nada fosse. Balbino vestia uma calça roxa muito justa, sua bunda maior que a da irmã, e ver minha mulher nos braços daquele crioulo foi para mim a pior infâmia. Ele dançava rebolando a bunda, ela ria queria [...] (ibidem, p. 115-116).

Após observá-los e se enfurecer com a cena, chuta a vitrola e a quebra toda. Portanto, atos de violência devido ao preconceito de classe e raça e ao sentimento de ciúme e posse perpassavam o relacionamento do casal e leva-o ao fim.

O preconceito de classe e de cor de Eulálio e sua família se manifesta em diversas ocasiões ao longo de sua vida e mesmo com ele já velho internado no hospital. A mãe não apoiou o casamento com Matilde que, além de ser “mulata”, não era filha legítima, mas resultado de uma aventura do deputado lá na Bahia. Em contrapartida, ironicamente, ela escondia do filho que seu irmão, tio Badeco, tinha o cabelo “pixaim”. Quando queria irritar o filho, dizia que, nos Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha os beiços grossos como ele.

Já Eulálio nunca admitia que Matilde era “mulata”. Ao crescer como o bisneto começava a “pretejar”, não aceita que a filha atribua o fenótipo negro da criança à esposa e ainda rebaixa o gosto por ritmos da cultura afro-brasileira, como o maxixe e o samba:

Da noite para o dia os cabelos se encrespavam, o nariz de batata engrossou mais ainda, e quanto mais o menino escurecia, mais me perturbava a sensação de conhecer sua cara de algum lugar. [...] Mas, ora, ora, papai, está na cara que esse aí puxou à minha mãe mulata. Não sei quem abastecia minha filha com tantas maledicências, Matilde tinha a pele quase castanha, mas nunca foi mulata. [...] De Matilde, o menino só herdara o gosto por música barata, era escutar o rádio do vizinho e ele se embalava todo (ibidem, p. 149).

Destarte, existe um processo de miscigenação em curso na família de Eulálio, pois ele mesmo era chamado de filho adotivo na escola, seu tio Badeco tinha cabelo “pixaim” e seu bisneto nasce negro. Acerca disso, Dusilek (2013, p. 5) reitera que

Outro aspecto a ser destacado sobre essas várias gerações é que, enquanto o bisavô do narrador era traficante de escravos, ou, nas palavras de Eulálio: “pagava altos tributos à Coroa pelo comércio de mão de obra de Moçambique”, há um processo de miscigenação que resulta na negritude do bisneto de Eulálio. A narrativa tem, assim, uma sutil ironia ao confrontar tal processo com o preconceito racial da família Assumpção.

Desse modo, a própria elite, que demonstra preconceito constantemente, é produto dessa miscigenação, mesmo que ela negligencie tal fato. Apesar da evidente mistura racial presente em sua família, Eulálio não abandona o preconceito em momento algum nem mesmo quando está à beira da morte, em um hospital precário. Inclusive, ele expressa seu racismo sem pudor, de forma descarada, e busca esconder os traços de afrodescendência dos Assumpção.

Ao proferir frases e expressões racistas que compõem o senso comum brasileiro, o protagonista torna explícitas a visão que sua classe tem do outro de classe e de raça e também a maneira como o racismo se arraigou à estrutura da sociedade brasileira como desdobramento do passado colonial e escravocrata: a babá era uma “pretinha quase da família”; seu convívio com Balbino fez dele “um adulto sem preconceitos de cor”; a mãe perguntava se Matilde tinha “cheiro de corpo”.

Há um episódio em que, após cheirar cocaína com o trineto, Eulálio sai para dar uma volta e, cansado, pede para entrar na viatura dos policiais a fim de descansar as pernas. Buscando iniciar uma conversa, ele pergunta se eles prefeririam voltar para a África ou permanecer aqui mesmo no Brasil, apesar de que, para os negros, a profissão de policial era um grande avanço se levado em consideração que até pouco tempo só eram empregados na função de limpeza pública.

E, já na sua última habitação, a casa de um cômodo do pastor, colada à igreja, “nos arredores” do Rio de Janeiro, ele manifesta seu racismo outra vez:

E eu sou obrigado a ouvir essas enormidades no alto-falante, Maria Eulália expõe sua mãe ao juízo daquela gentilha da igreja. Não vai aí a

intenção de ofender os mais humildes, sei que muitos de vocês são crentes, e nada tenho contra sua religião. Talvez até seja um avanço para os negros, que ainda ontem sacrificavam animais no candomblé, andarem agora arrumadinhos com a Bíblia debaixo do braço. Tampouco contra a raça negra nada tenho, saibam vocês que meu avô era um prócer abolicionista, não fosse ele e talvez todos aí estivessem até hoje tomando bordoadas no quengo (Holanda, p. 193).

Por conseguinte, o outro de classe e de cor é sempre visto de forma rebaixada e humilhante e um momento crucial será o casamento com Matilde, que não pertence ao mesmo estrato social de Eulálio. O relacionamento com uma mulher, que é diferente em tantos aspectos e não se submete ao seu controle e, um dia, some, sem se explicar, altera a ordem das coisas e desencadeia a ruína do narrador-protagonista.

Ele herda tudo do pai, menos a capacidade de se relacionar, “fazer negócios” e manter sua influência e prestígio. Assim, não consegue manter nem ampliar o legado dos Assumpção. Pelo contrário, é privado de seus bens pelos próprios sucessores – filha, companheiros desta e os netos, terminando em um cômodo que, de forma irônica e cômica, foi construído sobre a antiga fazenda da raiz da serra, herança dos Assumpção do tempo da colônia, onde Eulálio passou parte de sua infância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia de colocar um narrador herdeiro centenário para evocar suas memórias de forma descontínua em uma cama de hospital, alternando entre o delírio e a lucidez, enquanto aguarda a morte, não poderia ser mais produtiva. Como afirma Schwarz (2024, p. 142), “o narrador de anteontem é um artifício que permite sobrepor e confrontar as épocas”. Eulálio conta sobre as proezas de sua linhagem familiar ascendente e descendente, tornando possível ao leitor cotejar, a partir do ângulo do proprietário decadente, períodos históricos distintos. Esse confronto, por sua vez, possibilita

um retrato amplo da genealogia familiar do protagonista e também da história de formação do Brasil.

Além disso, os instantes de desvario e a desfaçatez de Eulálio permitem que condutas, valores e as concepções de mundo mais atroz de sua classe sejam reveladas. A propósito disso, Schwarz certifica que:

Como ele mesmo é o narrador, temos uma situação literária machadiana, em que a crítica social não se faz diretamente, mas pela auto-exposição “involuntária” de um figurão. Recapitulando sua vida com propósito sentimental, este sem querer vai entregando os segredos de sua classe, em especial os podres. O pressuposto desta solução formal – trata-se de uma forma em sentido pleno – é uma certa convivência maldosa entre o autor e o leitor esperto, às expensas do canastrão que está com a palavra (Schwarz, 2024, p. 139).

György Lukács (1935) considera a representação da ação como indispensável para que se alcance a conformação do personagem típico de uma dada sociedade, que não se reduz “à média estatística das propriedades particulares de um certo estrato de pessoas” (p. 211), mas se trata de um indivíduo, através do qual – a partir de sua índole, destino e relação com os demais que o cercam, se revelam os traços característicos históricos de sua classe.

Ainda na visão do intelectual húngaro, as contradições inerentes à sociedade burguesa – ligadas à luta de classes – são retratadas no romance a partir das ações executadas pelos personagens em sua rotina, sua vida privada, em suas lutas e relações com o outro. Aos poucos, as situações concretas, vividas por personagens concretos, vão desvelando os atributos, construídos historicamente, de um determinado grupo e as tendências fundamentais e incongruências de uma dada sociedade.

Em *Leite Derramado*, Eulálio Montenegro d’Assumpção e sua família são esses indivíduos concretos cujas façanhas provêm de situações concretas da vida. Como dito anteriormente, o narrador, ao fazer o que mais deseja naquele momento, que é falar sobre os Assumpção e Matilde, expõe a história de sua família

e, ao mesmo tempo, sua forte relação com o processo de formação nacional. A crueldade do processo modernizador brasileiro, que faz parte do processo modernizador ocidental, é extraído da própria ficção. Por isso, Eulálio constitui um personagem típico, juntamente com os Assumpção: porque, pelo seu ângulo senhorial, ganham relevo as particularidades de uma classe e se tornam visíveis, à vista disso, os antagonismos sociais e as contradições integrantes da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUSILEK, Adriana. Retrato de uma elite quando velha: uma leitura de “Leite Derramado”. *Revista Investigações*, São Paulo, v. 26, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/INV/article/view/385>. Acesso em: 18 jul. 2025.

LUKÁCS, Georg. O romance como epopeia burguesa. *Arte e Sociedade*. Org. Introd. e Trad. de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MOTTA, Sérgio Vicente. Como beber desse *Leite derramado*. In: MOTTA, Sérgio Vicente; BUSATO, Susanna (orgs.). *Fragmentos do contemporâneo: leituras*. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2009, p. 47–80.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. Cetim laranja sobre fundo escuro. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 31, n. 40, p. 136–143, dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ls/article/view/231845>. Acesso em: 16 jul. 2025.